

Rádio, recepção e memória¹: audiência feminina portuguesa e a política das donas de casa entre os anos 1930 e 1950²

José Ricardo Pinto Carvalheiro³

Resumo

A popularização da rádio em Portugal coincidiu com as primeiras décadas da ditadura do Estado Novo (1930-74). Entre as décadas de 1930 e de 1950, deram-se mudanças consideráveis nas formas como as pessoas de um país pouco letrado como Portugal podiam experienciar o mundo, mas esse também foi um período de supervisão ideológica e de isolamento internacional. E a audiência feminina nessa fase da rádio tem de ser vista num contexto tradicionalista em relação aos papéis de género. Como se fazia, então, a recepção do novo meio no espaço doméstico? A recepção da rádio desafiou normas patriarcais ou reforçou a concepção tradicional da mulher? Este artigo baseia-se em memórias de mulheres lisboetas acerca do uso da rádio no quotidiano.

Palavras-Chave: Rádio, Recepção; Mulheres, Portugal; Ditadura

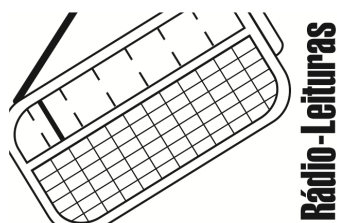
1. O regime do Estado Novo e as mulheres

Abordar as origens do rádio e sua recepção pelas mulheres portuguesas requer uma contextualização do regime ditatorial do país e seu enquadramento social. Em Portugal houve, antes dos 48 anos de ditadura no Século XX, uma longa tradição

¹ Este trabalho é financiado pelo FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por fundos nacionais portugueses através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto de investigação PTDC/CCI-COM/119014/2010.

² Tradução: Debora Cristina Lopez

³ Professor Auxiliar na Universidade da Beira Interior, Departamento de Comunicação e Artes, Portugal; Investigador no LabCom/Laboratório de Comunicação Online; Mestre em Sociologia e Doutor em Ciências da Comunicação. Email: jose.carvalheiro@labcom.ubi.pt

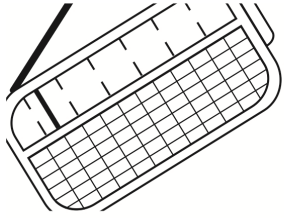


hierárquica de corporativismo, intensamente inserida nas instituições sociais que podem ser caracterizadas por um sistema de valores baseado na aceitação difundida da hierarquia, do elitismo, do organicismo e da autoridade. “Estratificação e diferenciação não somente existem, mas também são presumidamente corretas, necessárias e não devem ser desafiadas” (WIARDA, 1979, p. 93).

Diante desta tradição, a ditadura de Salazar temia o comunismo acima de todas as coisas, mas também antipatizava com o capitalismo e o consumismo como formas de perversão materialista contra as quais era necessário lutar (LUCENA, 1979). Colocando-se contra o liberalismo e o individualismo, a ideia central do regime era que toda pessoa possuía seu próprio lugar. O regime buscava manter um corpo social rigidamente segmentado e hierárquico cujas fronteiras internas não pudessem ser cruzadas.

Assim, diferentemente de outros regimes ditatoriais europeus do mesmo período, como o fascismo italiano, o Estado Novo Português foi um movimento inspirado no passado e comprometido em preservar os valores e a estrutura social de uma sociedade agrária. A propaganda do regime propunha um modelo rural idílico. Um dos motes centrais era: *Deus, Pátria e Família*. Em 1930, metade da força de trabalho se encontrava na agricultura; três quartos da população ativa era masculina; a taxa geral de analfabetismo era de 62%, e entre as mulheres adultas este índice chegava aos 70%; a taxa de natalidade era de 29.6 por mil habitantes, quase o dobro do índice do Reino Unido (16.3).

Entre os traços corporativistas está a tradicional família patriarcal. Neste nível, o Estado Novo foi uma reação ao período anterior, conhecido como Primeira República (1910-1926), que também era um regime patriarcal que negava a incorporação das mulheres na cidadania política, mas permitia discussões de feministas na esfera pública urbana e abriu espaços para a educação das mulheres. A primeira onda feminista foi um projeto modernista comprometido com a autorrealização humana e o esclarecimento das mulheres, buscando a igualdade entre os sexos, tentando construir



Rádio, recepção e memória: audiência feminina portuguesa e a política das donas de casa entre os anos 1930 e 1950

José Ricardo Pinto Carvalheiro

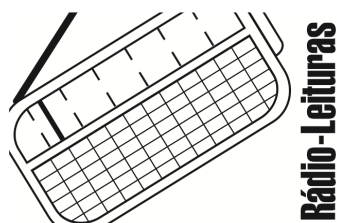
este caminho dentro da retórica liberal do republicanismo e aproveitando-se da tendência para a autonomia individual do Século XIX.

A essência antimodernista do Estado Novo colocou-se ferozmente contra aquelas tendências liberalistas e individualistas no que diz respeito aos papéis do gênero, tanto na esfera pública quanto no reino privado da vida familiar. As ideias corporativistas de Salazar rejeitaram o conceito abstrato de cidadania, e conceberam indivíduos como parte de “grupos naturais” que formam a sociedade. A ideologia do regime determinou, assim, papéis forçados para a mulher no trabalho, na educação, e especialmente a definiu como um elemento da família. Para Salazar, o trabalho feminino fora de casa era corrosivo para a unidade familiar, potencialmente desatando os laços entre seus membros e corroendo todo o conceito de convivência.

O uso deste serviço para cimentar a unidade coletiva implicou um status de desindividualização, abdicação da liberdade e do controle sobre seu próprio destino. Uma lista de proibições para as mulheres incluía certos trabalhos, viagens sem a permissão de seus maridos e o pedido de divórcio caso o adultério do marido não envolvesse escândalos públicos. A família era soberana em relação ao indivíduo, principalmente se o indivíduo fosse uma mulher.

A “natureza” feminina era usada como argumento para a desqualificação da inserção da mulher no mercado de trabalho, já que a maternidade era tida naturalmente como o seu objetivo principal. O trabalho feminino era tolerado, então, até que o casamento pudesse oferecer à mulher a chance de alcançar sua suposta aspiração principal na vida, que deveria ser criar filhos e servir sua família.

A retórica da valorização feminina era usada para fixar as mulheres nos lares, para promover a família como uma corporação de membros desiguais, e para sujeitar as mulheres a mecanismos de controle social, sendo uma parte importante disso a moral sexual e a vigilância do corpo (FERREIRA, 2011, p. 256).



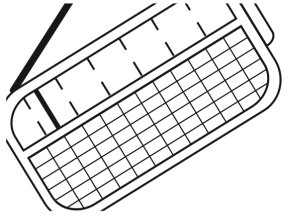
Porém, havia transgressões à moral oficial e um país heterogêneo para além da propaganda do regime. A maior parte das mulheres do campo e das camadas populares trabalhava fora. Havia também caminhos ocultos de poder feminino nos lares, e algumas práticas da classe trabalhadora em áreas urbanas eram vistas como imorais e contrárias ao objetivo do regime de fazer as pessoas retornarem à pureza e simplicidade rural.

2. Estado novo e mídia popular

O papel da mídia durante o Século XX no Oeste pode ser inserido no contexto geral de um movimento em direção à modernidade capitalista e suas tendências de tencionáveis de regulação e emancipação (GARNHAM, 2000). Mas excepcionalmente, Portugal experimentou um caso particular de desenvolvimento midiático na Europa Ocidental durante a ditadura de Salazar. O regime autoritário português foi antimodernista e agiu para retardar as dinâmicas capitalistas que atravessavam o resto da Europa.

Os livros mais importantes sobre o Estado Novo e o “Salazarismo” não mencionam os meios de comunicação de massa como uma importante arma do regime ditatorial. Na realidade, o principal papel ideológico e simbólico nos anos 1930 e 1940 é atribuído às políticas educacionais e às organizações oficiais designadas para doutrinar e mobilizar os jovens em idade escolar – acima de tudo *Mocidade Portuguesa*, que possuía uma ramificação feminina (LÉONARD, 1996; PIMENTEL, 2011).

Contudo, Salazar tinha consciência da importância da mídia. Ele declarou que “politicamente existe somente o que o público sabe que existe”. Na verdade, a política do Estado Novo para os meios de comunicação baseava-se em dois pilares: a propaganda e a censura. O primeiro pretendia oferecer uma representação sistemática de um país pacífico e coeso; o segundo objetivava a despolitização da população portuguesa (PIMENTEL, 2007).



Rádio, recepção e memória: audiência feminina portuguesa e a política das donas de casa entre os anos 1930 e 1950

José Ricardo Pinto Carvalheiro

A ramificação da propaganda é melhor exemplificada pelo projeto “política do espírito”, centralizado na Secretaria de Propaganda Nacional (SPN) criada em 1933 sob a liderança de António Ferro, um admirador de Mussolini e esteticamente um modernista. Seu objetivo era educar o público sob uma perspectiva ideológica restrita. A SPN era muito mais abrangente do que orientada pela mídia e envolvia-se em questões como grandes eventos públicos, um estilo arquitetônico, eventos artísticos e culturais. Neste empreendimento ideológico para produzir uma cultura nacional integrativa ancorada em um passado histórico e em um design etnográfico, os meios de comunicação foram somente uma parte – mas bastante ativa – na missão de modelar os gostos e pensamentos das pessoas. Característica desta tendência foi a ideia que, com alguma sutileza, a ideologia do regime esteve presente em todas as manifestações culturais ou midiáticas (RIBEIRO, 2005).

Tentando atingir a população, a *Emissora Nacional* fomentou a compra de aparelhos de rádio por famílias de baixa renda em 1935, quando começou suas transmissões regulares. EM 1940, a SPN chegou a dirigir a *Emissora Nacional*, onde Ferro desenvolveu seu programa cultural sem intenções de tolerar o que ele chamava “as necessidades medíocres de certas parcelas da população” (in SANTOS, 2005, p. 266). Na rádio pública nacional diversas orquestras foram criadas, radioteatros foram lançados e programas leves, mas didáticos foram promovidos, como a transmissão ao vivo “Noite para trabalhadores”, em que produtores mesclavam artes com músicas e esquetes divertidos. Também havia conversas femininas, transmitidas regularmente – mais de uma vez por semana, em média, nos anos 1930, e utilizadas principalmente para aconselhar sobre cuidados com a casa, incluindo como reciclar e economizar na cozinha e nas vestimentas (RIBEIRO, 2005).

Ainda assim, outras forças no Estado Novo não estavam tão preocupadas com a política educacional ativa, e buscavam principalmente reproduzir um *status quo* e uma ideologia de conformismo e obediência. Deste modo, através do pilar da censura, o regime tentou especialmente parar a circulação de informações que não era bem-

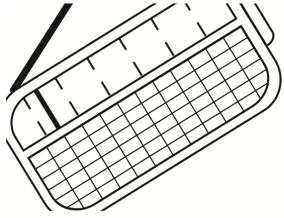
vindas e evitar que as pessoas tivessem acesso a perspectivas de vida e de mundo mais amplas, não somente em um domínio estritamente político, mas de maneira geral. Neste clima, os poderes político, social e religioso miravam a audiência feminina dos meios de comunicação a partir de um medo geral das futilidades modernas e outros “perigos” do período, apresentados principalmente como advindos do exterior sob influências estrangeiras (ABOIM, 2011).

O cenário do rádio também englobava em sua concepção de mídia como ferramenta da qual se espera, acima de tudo, o entretenimento da população com um enquadramento de gosto nacional e tradicional. Por um lado, a efetividade da propaganda nacional era duvidosa já que em meados dos anos 1930 o número de aparelhos de rádio em Portugal era estimado em um para cada 150 pessoas (TORRALBA, 2009).⁴ Por outro lado, diversas emissoras, pequenas e grandes, emergiram e ainda que o regime controlasse seus proprietários e conteúdos, era difícil desenvolver dispositivos de propaganda ativa a partir deles.⁵

A despeito das aspirações da SPN para formatar hábitos culturais respeitáveis na população, o cenário geral do rádio mudou durante os anos 1930 e alterou-se um

⁴ Para uma comparação entre os regimes totalitários europeus, na época havia um aparelho de rádio para cada sete pessoas na Alemanha. Neste nível, há um paralelismo entre Portugal e Itália, ambos tiveram uma lenta difusão dos aparelhos de rádio para a recepção de uma ampla parcela da população, caracterizada pelas más condições de vida (Richeri, 1980).

⁵ Algumas outras emissoras de rádio foram licenciadas nos anos 1930, nomeadamente a de orientação comercial *Rádio Clube Português*, inicialmente criada pelo escritório do regime militar em 1931, e também o canal católico *Rádio Renascença*, que começou suas atividades em 1937. Juntamente com a rádio pública nacional (operando regularmente desde 1935), estes canais formavam o trio das grandes emissoras de rádio, cada uma delas estabelecida sobre suas próprias bases: política, religiosa e comercial. Além disso, havia pequenas emissoras em Lisboa, criadas por parcerias de radioamadores ou pela associação de bairros populares. Como uma forma de controle político, as pequenas emissoras não podiam produzir seus próprios boletins noticiosos, eles não podiam transmitir peças publicitárias e, em 1939, eles foram forçados a convergir em um único canal em que compartilhavam transmissões sucessivas (Santos, 2005).



Rádio, recepção e memória: audiência feminina portuguesa e a política das donas de casa entre os anos 1930 e 1950

José Ricardo Pinto Carvalheiro

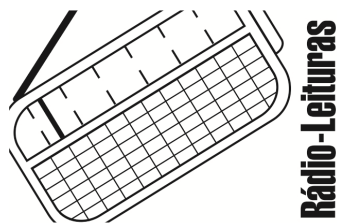
antes dominante “velho estilo” baseado em emissoras amadoras e na transmissão de música clássica para o que se converteu em um estilo mais popular e “moderno” baseado em canções nacionais e músicas da moda, atingindo uma audiência mais ampla e diversa (SANTOS, 2005).

Esta mudança para um rádio popular foi apoiado pela atmosfera ideológica do Estado Novo, mais inclinada para a cultura popular e para o entretenimento de comunidades locais – em contraste com o ideal de esclarecimento da anterior Primeira República. Isso também foi alimentado pelo desenvolvimento de uma indústria musical e o começo de uma cultura massiva em que o rádio era o veículo principal.

Pequenas emissoras foram decisivas no desenvolvimento de novos conteúdos compostos por concursos, humor, esportes, peças infantis, cinema e intensamente a difusão do *fado* e outras músicas populares nacionais. Cantores, atores e atletas começaram a circular pelas estações de rádio e se tornaram populares. A maior emissora privada comercial, *Rádio Clube Português*, criou um novo estágio neste tipo de programas populares em 1952 lançando *Companheiros da Alegria*, uma transmissão ao vivo com música e entretenimento que circulava pelo país. As vozes e nomes dos profissionais do rádio tornavam-se notórios e populares.

A popularização da escuta de rádio foi um processo lento em Portugal. Isso aconteceu somente durante os anos 1940 quando a audiência cresceu consideravelmente, principalmente nas áreas urbanas. Na metade dos anos 1950 havia aproximadamente 130 mil aparelhos de rádio em Lisboa (SILVA, 2001), o que significa uma média de um para cada seis pessoas.

Também nos anos 1950, a SPN (então rebatizada como SNI – Secretaria Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo) tornou-se praticamente uma mera ferramenta para censura e repressão, inserida em uma profunda estratégia de anestesia da sociedade portuguesa (LÉONARD, 1996).



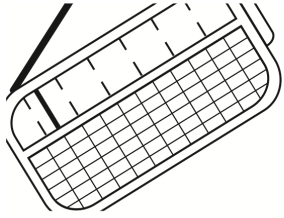
3. Mulher e recepção: quarto tipos no espectro social

Apesar das políticas e conteúdos midiáticos, descobriu-se que as audiências podem ter a capacidade para práticas criativas de recepção; interpretação ativa e formas de raciocínio inesperadas. Além disso, há uma ordem de possíveis usos e apropriações das tecnologias da comunicação, que se articula com outras relações e práticas sociais, inseridas em contextos domésticos ou públicos. Nosso objetivo é usar entrevistas biográficas para compreender como o rádio era recebido e usado nas primeiras décadas da radiodifusão em Portugal, no cenário histórico descrito acima e a particular situação da mulher em um sistema corporativo patriarcal.

A introdução histórica do rádio na vida cotidiana foi estudada em outros contextos através da realização de entrevistas biográficas (MOORES, 1988; JOHNSON, 1981; PODBER, 2007). Em Portugal há poucas referências sobre estudos de recepção doméstica nos anos 1930, construídas a partir de artigos de jornais (SANTOS, 2005).

Sabe-se que os métodos requerem precauções na verificação e interpretação de dados, mas por sua vez permite o que Portelli (2008) defende como a principal realização em história oral, que é dar acesso ao significado dos eventos para aqueles que participaram deles. Quando nos relacionamos com pessoas comuns, desprovidas de outras formas de apresentar seus relatos do passado, pode não haver outra forma de apreender algumas ações. Fontes biográficas não somente nos falam sobre eventos, elas também nos contam o que as pessoas pretendiam fazer, o que elas acreditavam que faziam e o que agora acreditam que fizeram (PORTELLI, 2008, p. 36).

A abordagem biográfica permite que situemos as experiências de vida dos sujeitos em seus contextos socioculturais e intersubjetivos, colocando, então, uma luz sobre como as pessoas negociam suas identidades, interpretam e se engajam com normas sociais. Esta integração de indivíduos com seu contexto relacional tem uma utilidade especial nos estudos de gênero (SUMMERFIELD, 2004). Outro benefício da abordagem da história oral, como apresentada por Summerfield (2004) é que oferece uma maneira efetiva de entrelaçar a memória e a subjetividade, porque relaciona



Rádio, recepção e memória: audiência feminina portuguesa e a política das donas de casa entre os anos 1930 e 1950

José Ricardo Pinto Carvalheiro

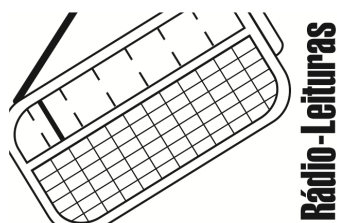
experiências pessoais ao contexto histórico-social e ao posicionamento social, permitindo considerar a influência dos discursos públicos dominantes na compreensão de nossos sujeitos sobre o passado.

Os dados empíricos expostos nesta seção baseiam-se nas entrevistas biográficas conduzidas com mulheres nascidas nos anos 1930 em Lisboa. Entrevistas semiestruturadas objetivam permitir aos informantes falarem primeiro sobre seu passado biográfico, a partir de estágios mais amplos das etapas de sua vida. O foco específico no rádio e outros meios de comunicação foi conduzido pelo pesquisador somente na segunda entrevista.

Na análise das gravações orais, a compreensão dos usos e recepção de mídia é articulada com os dados biográficos em geral e o contexto sociocultural. Particularmente, nós buscamos encontrar inter-relações e sincronidades entre um grupo de dimensões, tais quais os estilos de vida, as inter-relações sociais, o consumo de tecnologias, os usos de mídia e os significados da recepção.

Outro objetivo desta pesquisa é relacionar as audiências femininas à classe social, tentando compreender os usos e recepção do rádio em toda a estrutura de classes. Considerando que em meados do Século XX Portugal tinha uma escassa mobilidade de classes, apresentamos aqui quatro biografias de classes sociais marcadamente diferentes. Contudo, as mulheres entrevistadas passaram, mais tarde, por mudanças que afetaram suas posições na sociedade e hoje falam a partir de situações socioeconômicas muito mais próximas do que tinham quando eram mais novas, sendo elas mesmo exemplos da relativa equalização social que reformatou o país nas últimas décadas do século.

Diferentemente da maior parte dos trabalhos acadêmicos, que desenvolvem análises “paradigmáticas” de relatos autobiográficos e convertem dados narrativos em classificações de categorias e conceitos, neste texto optamos por apresentar as histórias de algumas mulheres também sob a configuração narrativa (POLKINGHORNE,



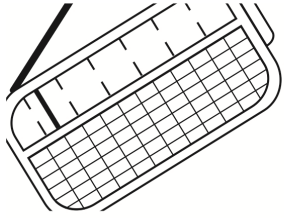
2003). A cognição narrativa foi sustentada como uma forma de conhecimento científico igualmente válido quando lida com a singularidade das experiências humanas. Então, no lugar da análise de narrativas, o que propomos aqui é uma “análise narrativa”, em que “pesquisadores coletam descrições de eventos e acontecimentos e sintetizam ou configuram-nos por meio de uma trama” (POLKINGHORNE, 2003, p. 12).

3.1 Irene: um olhar sobre a modernidade

Irene nasceu no final dos anos 1930, em um bairro popular de Lisboa. Seu pai era muito ausente devido a problemas com alcoolismo e sua mãe era uma mulher analfabeta que vivia do comércio de vegetais e lavando roupas nas casas de outras pessoas. Ela tinha uma irmã e um irmão mais velhos e eles viviam em uma pequena casa sem água quente ou geladeira. Havia um fogão à lenha, mas não havia muita comida além de sopa, leite e pão com presunto ou queijo.

Seu primeiro encontro com um aparelho de rádio aconteceu quando ela visitava uma família em melhores condições, para quem sua mãe trabalhava. “Eu pensei que as pessoas estavam dentro da caixa” – era uma realidade tecnológica insuspeita, incrível e incongruente com suas experiências próximas em casa. Sua memória relaciona este primeiro encontro com o rádio com uma grande geladeira – “a primeira geladeira que vi na vida” – e um mobiliário muito bonito. A dona da casa era “muito gentil e algumas vezes ela me oferecia sopa, e era uma sopa muito boa, com todos os vegetais amassados, e não como a da minha mãe, que era muito espessa”.

Nos anos 1940, para uma garota pobre de um bairro popular de Lisboa, o rádio foi antes de tudo uma máquina surpreendente, habitando um mundo de modernidade que ela podia somente olhar como a filha da empregada. Aqui, o contexto do mundo em que se vive para a entrada foi a inocência tecnológica ou as afiadas fronteiras sociais.



Rádio, recepção e memória: audiência feminina portuguesa e a política das donas de casa entre os anos 1930 e 1950

José Ricardo Pinto Carvalheiro

Depois de quatro anos de escola, Irene começou a aprender a ser costureira em um vizinho. Com cerca de 12 anos, sua mãe comprou uma máquina de costura e ela começou a ganhar algum dinheiro fazendo blusas para mulheres da vizinhança. Mais tarde ela começou a trabalhar em outras partes da cidade.

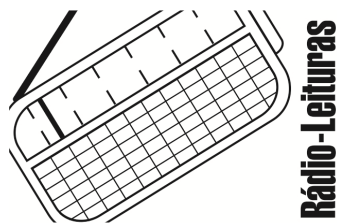
Nas ruas, ela costumava olhar os palhaços com uma cabra e um macaco. Sua mãe nunca a deixava ir a bailes ou festas populares. Então, ir à missa todos os domingos com sua irmã mais velha era um momento de liberdade e alegria para Irene.

Quando ela era uma adolescente, os aparelhos de rádio se tornaram uma tecnologia presente em várias casas da vizinhança. Isso proporcionou som radiofônico a todos, e particularmente mulheres, não em contextos de escuta coletiva como nos clubes ou cafeterias, mas como um outro tipo de escuta coletiva, composta por uma rede de pontos de recepção através da qual o som cruzava os espaços privados das pequenas e muito próximas casas do bairro. Irene também escutava isso; ainda que ela não tivesse rádio em casa, o som vinha de outras casas provendo que a vizinhança inteira com uma experiência compartilhada de escuta.

Foi uma loucura em relação às radionovelas; pessoas escutavam-nas às duas e quinze, e então todos comentavam, se ela iria casar ou não; nós queríamos saber o enredo e era um pouco confuso para mim, como isso tudo ocorria, eu achava que era real. E quando havia torneios de hóquei no exterior, nós ficávamos muito animados, e ganhávamos tudo, era uma grande alegria.

Além do rádio, ouvia-se música nas ruas, onde um homem cego costumava circular cantando e tocando com um parceiro que vendia folhas com as letras. “Eles cantavam nas ruas e nós escutávamos e aprendíamos todas as músicas”.

Irene foi cortejada por anos por um rapaz com quem ela não aceitou noivar devido às diferenças sociais perceptíveis. Ela era filha de um oficial do exército e agora Irene diz: “Ela era demais para minha condição; não teria futuro; um homem rico casando-se com a empregada da casa é algo que só acontece em romances”. Enquanto



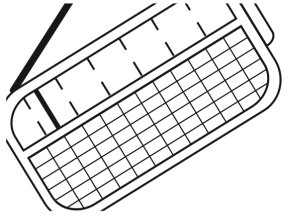
isso, o que ela mais gostava era de vestir-se de acordo com a moda e ir ao cinema com sua irmã.

Em meados dos anos 1950, uma garota de classe baixa com algumas, mas limitadas aspirações relacionava o cinema a ideias de prazer e vida social mais ampla, associava o teatro e leitura com melhora intelectual e status, e rádio era relacionado com o cotidiano no bairro popular, entrelaçado com a interação com os vizinhos e em um contexto de porosidade entre os espaços coletivos e privados. O som do rádio inseriu-se no coletivo como um fluxo inevitavelmente compartilhado na vizinhança. Isso alimentou sentimentos e expressões comuns em momentos cerimoniais, como os eventos esportivos nacionalistas e radionovelas populares que se transformaram em rituais diários de comentários na soleira e nas ruas.

Irene conheceu seu marido aos 17 e casou-se aos 20. Seu primeiro encontro aconteceu na praia na periferia de Lisboa. “Ele apareceu com um rádio portátil – era o tempo das populares radionovelas. Ele gostava de escutar, ou pode ser que ele quisesse impressionar as garotas”.

Seu marido não tinha uma condição tão modesta. Seu pai trabalhara em uma empresa de seguros e se opôs ao regime político – ele assinou um jornal e costumava lê-lo todos os dias. Ele tinha sua própria poltrona em uma posição privilegiada da sala de estar que ele usava para sentar e escutar o rádio. “Ele gostava de escutar, e algumas vezes reclamada disso, costumava dizer que alguma coisa não era verdade, ou que alguém não usou a língua portuguesa corretamente no rádio, e ele também gostava de escutar partidas de futebol”. A sogra de Irene, que trabalhou em uma loja de chapéus, também escutava rádio, de maneira secundária à escuta de seu marido. “Ela foi criada de maneira diferente da minha mãe, ela podia ler e escrever, e ela costumava pintar as unhas...”

No final dos anos 1950, esse contexto inaugura o que a mídia eletrônica veio a se tornar mais tarde para Irene: eles começaram a ser vistos como aparatos modernos



Rádio, recepção e memória: audiência feminina portuguesa e a política das donas de casa entre os anos 1930 e 1950

José Ricardo Pinto Carvalheiro

e caros ligados a um gradual, mas lento avanço no espaço doméstico, e simbolizando também um alto status, que é personificado pela figura de seu sogro.

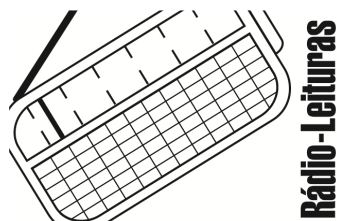
Um elemento notável na narrativa biográfica de Irene é o contraste entre diferenças proeminentes baseadas em classes, do que ela tem consciência e está disposta a atravessar moderadamente, por um lado, e por outro lado as relações de gêneros que se tornaram inquestionáveis e intocáveis em cada classe. O gênero aparece como uma forte estrutura na família e é nesse ambiente de casas sexualmente determinada que o rádio passa a ser incorporado.

O rádio como conexão ao mundo exterior e à vida pública tende a ser visto como uma ferramenta e domínio masculino, e como um aparelho doméstico parece estar sob o controle do “líder da família”. Isso se enquadra na família patriarcal corporativa e é determinada por regras rígidas: conexões públicas, autoridade e renda como atribuições masculina; cuidados com a casa, o fornecimento de serviços e de gerenciamento emocional como responsabilidade da mulher.

3.2 Clotilde: no caminho para o consumo da classe média

Clotilde era a terceira filha de um vendedor e uma dona de casa, nascida no final dos anos 1930 no que era então um bairro periférico de Lisboa. O apartamento foi aprimorado com água corrente, que originalmente não existia no prédio. O pai de Clotilde morreu quando ela tinha 9 anos, e a renda familiar passou a ser responsabilidade de suas irmãs mais velhas. Ao contrário delas e da maioria dos seus colegas de classe, ela continuou estudando depois dos quatro anos do ensino fundamental, até completar 17 anos. Durante a adolescência de Clotilde, o forno a gás e a geladeira foram incorporados à casa de sua família de classe média baixa.

Trabalho e lazer eram descritos como entrelaçados na casa, e é neste momento que o rádio aparece.



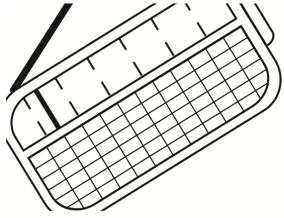
Geralmente ficávamos todos na sala de estar e costumávamos conversar. Em casa, minha mãe era responsável pelos cuidados com a casa e minhas irmãs mais velhas eram as responsáveis por ajudá-la. Eu costumava sentar na mesa da sala de estar e estudar. Meu pai havia comprado um aparelho de rádio como um presente para minha mãe quando ela estava doente e eu sempre escutava quando estava estudando. Sempre gostei muito de música, então costumava colocar o rádio sobre a mesa e escutá-lo. Esse era o único entretenimento que nós tínhamos.

Como uma estudante livre de fazer o trabalho doméstico, Clotilde comandava o uso do rádio, com os outros seguindo sua escuta quando compartilhavam o mesmo espaço. A ausência de um homem na casa desde a morte prematura de seu pai abriu caminho para o gerenciamento do rádio pelas mulheres e deu a ela a chance de exercer um papel proeminente. Mas isso também dificultou que Clotilde continuasse estudando por muito tempo. Aos 17, ela começou a trabalhar como secretária em uma empresa comercial para reforçar o orçamento familiar. “Foi uma pena, porque eu sempre fui dedicada nos estudos e pretendia me tornar professora”.

Apesar de trabalhar em outra parte da cidade, o estilo de vida de Clotilde ficou restrito à amizades em sua vizinhança e às atividades de lazer em seu bairro, principalmente as idas à igreja em grupo (somente garotas) e a organização de festas nas casas umas das outras.

Clotilde menciona uma radionovela popular que ela sempre acompanhava, mas o rádio parecia ser principalmente relacionado à escuta de música e, por outro lado, a música se estendia ao lazer em grupo.

Eu gostava muito de escutar música. Eu costumava escutar programas de rádio em que as pessoas telefonavam e os discos eram reproduzidos a pedidos. E então os toca-discos apareceram. Eu tinha uma queda pelos toca-discos. Então imediatamente depois que consegui meu emprego e peguei meu primeiro pagamento, eu pensei em comprar uma, e fiz isso através de uma compra a prazo, já que não conseguiria pagar tudo de uma vez. Era como uma pasta, muito pesada e então era levada de um lugar para o outro, para tocar nas festas.



Rádio, recepção e memória: audiência feminina portuguesa e a política das donas de casa entre os anos 1930 e 1950

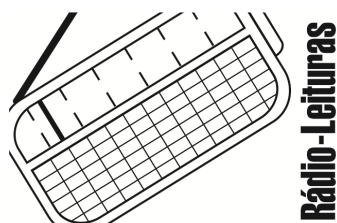
José Ricardo Pinto Carvalheiro

Entretanto, havia uma nova associação local, onde havia festas que congregavam as pessoas da vizinhança. A sociedade foi criada no mesmo momento em que a televisão chegou a Portugal (1957) e a escuta de rádio era algo que ela nunca fizera lá. O clube tinha um bar, um salão de bailes, uma sala de tênis de mesa e uma sala de TV com cadeiras alinhadas. “Era impensável para uma garota ir à associação sem estar acompanhada por sua mãe, avó ou uma tia. Ela também não podia ir em grupo com outras garotas, cada uma deveria ir com uma pessoa mais velha. Garotos tinham a liberdade de ir sozinhos”.

A narrativa biográfica e as memórias identitárias de Clotilde não estabelecem nenhuma conexão entre suas aspirações profissionais e sociais de mobilidade durante a juventude – que envolvem o estudo por um longo período e a expectativa de uma potencial autonomia na vida familiar – por um lado, e os meios de comunicação como uma ferramenta para cultivo e coleta de informações, por outro lado. Ela sempre introduziu o rádio no discurso no contexto do tempo livre, distração e entretenimento.

Seu gosto musical centralizava-se em músicas leves, em vez do vernacular *fado*. Ela menciona cantores populares portugueses dos anos 1950 que ela costumava escutar no rádio referindo-se ao seu tipo físico porque ela costumava ver fotografias deles em revistas ilustradas que, à época, frequentemente traziam artistas de música, cinema e esportes nacionais e internacionais em suas capas.

Em sua biografia, a mídia eletrônica parece não estar muito conectada com sua vida cotidiana, mas também com um estilo de vida que considera a “vida de sempre”, uma atitude que remetia a estar no mundo sem exaltação ou grandes projetos, individuais ou coletivos. O rádio, como depois a televisão, era tido como um provedor de momentos de lazer em uma rotina enfadonha. Se isso significa liberdade ou emancipação, refere-se à opressão do trabalho ou articula-se com as aspirações dos jovens por um espaço próprio.



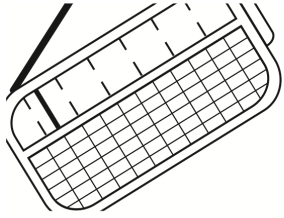
Esta regra de transmissão é parte da mudança de padrões da organização social no trabalho e prazer paralelos ao reordenamento urbano em Lisboa no final dos anos 1950 e anos 1960: aumento das distancias entre a casa e o trabalho, o crescimento do trabalho feminino, o decréscimo do tempo disponível para as relações de amizade. Isso aponta para a existência de um ponto central de articulação entre uma emergente classe média baixa e a crescente mídia massiva eletrônica, principalmente como forma de entretenimento.

3.3 Judite: era uma vez um piano

Judite nasceu em Lisboa em meados dos anos 1930, filha de um oficial da marinha e uma dona de casa que havia herdado uma fortuna. Ela vivia em um prédio de três andares de propriedade de sua família no centro da cidade. Nos anos 1930 eles tinham um ferro de passar roupas, um fogão a lenha, uma geladeira e um reservatório para manter água quente todo o dia. Um dos muitos empregados da casa costumava acordar cedo todas as manhãs e polir o fogão.

Sua mãe tinha formação como pianista, mas ela nunca trabalhou com isso. A mãe de Judite tocava piano na sala de estar aos domingos para o lazer da família. O pai de Judite costumava comprar partituras para sua mãe com as novidades musicais em uma loja no centro da cidade, “e então toda a família se reunia em volta do piano, minha mãe tocava e nós todos cantávamos”.

Em uma família tradicional de classe alta, as novas tecnologias da comunicação dos anos 1930 faziam parte das reuniões em torno da música, articulada com hábitos já estabelecidos e gradualmente transformando ou substituindo-os. “Nós tínhamos um lindo gramofone também e meu pai reproduzia os discos”. Na prática, uma tecnologia para reprodução de discos deu ao homem um papel predominante, diferente da burguesa esposa tocando músicas como uma atriz central do lazer. O homem da casa liderava a adoção gradual das inovações tecnológicas. “Então meu pai encomendou um móvel com toca-discos e rádio da Inglaterra”. Todos estes aparatos musicais



Rádio, recepção e memória: audiência feminina portuguesa e a política das donas de casa entre os anos 1930 e 1950

José Ricardo Pinto Carvalheiro

estavam na sala de estar, o local que servia simultaneamente aos propósitos de reunir a família e aproveitar o tempo livre.

Judite fala insistentemente sobre as conversas da família envolvendo várias gerações.

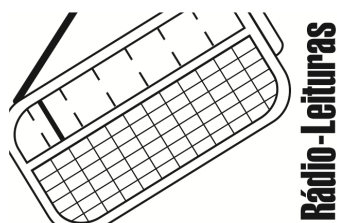
Uma das minhas tias mais velhas tinha sempre algo a falar sobre tudo e eu e minhas irmãs aprendemos muito com aquilo, o tempo que passamos com os mais velhos. Minhas tias costumavam cantar todas aquelas músicas tradicionais e eu ainda as ensino aos meus filhos quando viajamos para o interior, porque meu marido não queria música no carro, então costumamos cantar no caminho.

Nos anos 1940 e começo dos 50, para Judite e também suas irmãs e sua mãe, o rádio e os outros meios de comunicação não tiveram relevância em seu conhecimento e experiência de mundo. “Depois das refeições, nós ficávamos na mesa e meu pai costumava nos contar sobre o que ele havia feito na marinha”. Realidades distantes, como histórias e referências a lugares e eventos, eram mediadas pela masculinidade e trazidas para a vida doméstica através da experiência e voz de seu pai.

O uso do rádio centralizava-se no campo do lazer, relacionando-se com a escuta de música em discos, piano e canto, ou conectando a casa com cerimônias coletivas como os eventos esportivos nacionais. Mas o rádio e a música também se tornaram a trilha sonora de algum trabalho doméstico realizado por sua mãe.

Depois nós tivemos um aparelho de rádio mais moderno e também um menor, que ficava na sala de costura. Minha mãe ficava lá bordando com uma prima e eu me lembro delas escutando as partidas de hóquei. Era contagiante quando havia um torneio internacional.

A escuta feminina autônoma ocorreu em um estágio posterior da apropriação do rádio, e foi realizada através dos aparelhos secundários da casa.



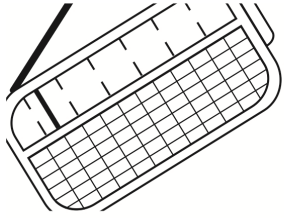
Gradualmente, o rádio parecia penetrar e transgredir o contexto tradicional das reuniões de lazer, das conversas familiares e da transmissão da cultura. Aos domingos, o pequeno rádio era levado para a sala de jantar, porque o pai de Judite gostava muito de um programa de humor. “Era um enredo familiar, focado nas engraçadas relações entre um genro e sua sogra, aquela santa mulher, como ele a chamava. Nós todos nos divertíamos por 15 minutos, era um ótimo entretenimento”. Alguns programas de rádio acabaram por se converter em mais do que entretenimento familiar e viraram fenômenos de audiência massiva.

Depois havia uma radionovela, quando eu tinha 18 anos. Todo mundo escutava. Nós fomos para uma temporada de verão na marinha e lá havia uma espécie de claustro nos alojamentos e depois do almoço todos os soldados se reuniam lá para escutar a radionovela. Não havia ninguém que não escutasse isso naquele tempo.

Na percepção de Judite, a ideia de graciosidade e o caráter frívolo das práticas midiáticas daquele período parecem ter resultado em um contraste entre os sérios mundos públicos e a futilidade da audiência radiofônica: um oficial da marinha envolvido em uma importante missão política que não poderia perder a peça cômica de domingo; ou uma multidão de soldados que se reuniam no alojamento para escutar uma radionovela sobre o descontentamento amoroso de uma garota. O entretenimento leve provido pelas emissoras de rádio do Estado Novo parecia ter, portanto, uma sutil dimensão de gênero, que era a escuta natural das mulheres, mas colocou o homem fora do papel de audiência que se esperava.

3.4 Cristina: política para o gênero inquestionado

Cristina nasceu em Oporto no início dos anos 1930, em uma família da alta burguesia advinda do setor da indústria química. Ela mudou-se para Lisboa com sua mãe quando tinha 7 anos. Sua biografia é pouco usual para o período, devido à separação de seus pais e ao ganho de autonomia de sua mãe, que começou a



Rádio, recepção e memória: audiência feminina portuguesa e a política das donas de casa entre os anos 1930 e 1950

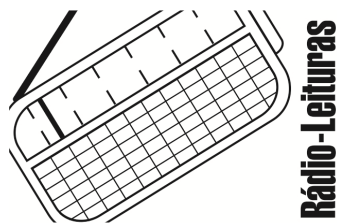
José Ricardo Pinto Carvalheiro

gerenciar os negócios da família em Lisboa e viver sem um marido, escapando, então, de um regime familiar patriarcal. Graças às práticas sociais heterodoxas de sua mãe e seu consciente envolvimento político, a posição de Cristina pode ser vista como opositora à classe alta.

“Vivendo sozinha com minha mãe eu me tornei uma leitora compulsiva muito cedo. Nós dificilmente íamos ao cinema e tínhamos um aparelho de rádio em casa, mas não costumávamos escutá-lo, ele ficava na sala de estar”. Ela não se lembra de escutar rádio em casa. A escuta do rádio costumava acontecer na casa de sua tia, no norte do país, onde ela passava os feriados junto com suas duas primas. O tio de Cristina tinha uma pequena biblioteca em casa, e havia uma divisão explícita entre as sessões de livros que as garotas podiam ler e aqueles que eram proibidas de tocar. O aparelho de rádio ficava na sala de estar e não havia restrições explícitas às primas para escutá-lo, a não ser que seu pai estivesse em casa e quisesse escutar seus programas favoritos ou uma partida de futebol.

Uma de minhas primas era uma cantora muito talentosa, mas meu tio era um homem muito conservador e ele não permitiu que ela aprendesse canto porque não é uma carreira apropriada para uma jovem decente. Uma carreira para uma jovem decente era se casar. Então minhas primas cursaram o colegial, e então tiveram lições de bordado, culinária e aprenderam a ser boas donas de casa, que era o papel esperado para uma garota com mais de 18 anos. Mas, como ela era muito apaixonada pelo canto, ela ligava o rádio, quando seu pai não estava em casa, e escutava as canções que nós gostávamos muito.

Desta maneira, o rádio era visto pelo poder patriarcal não como uma ameaça no conteúdo voltado ao controle social e ideologia de gênero. Ainda que isso pudesse ser usado para enfraquecer aquele poder, introduzindo lazer e imaginação, não era visto como uma real ameaça à estrutura hierárquica dos papéis dos gêneros. Porém, ofereceu uma performance alternativa de gênero, abrindo espaço para práticas recém imaginadas.



Na adolescência de Cristina, a consciência política surgiu em diversos episódios: uma colega de classe mais velha argumentando a não existência de Deus; a expulsão do colegial de uma garota de uma família pró liberais; ou uma brilhante colega de classe impedida de ir à universidade porque era filha de um motorista da linha férrea de mina.

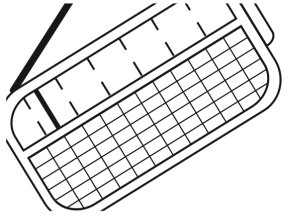
Ainda cedo em sua vida, a divisão de classes e os dogmas religiosos tornaram-se campos de dúvida e divergência, mas as questões de gênero eram seu enquadramento político. Cristina não questionava nada sobre o papel das mulheres nas famílias e na sociedade naquele momento. Ainda que sua mãe fosse diferente e que ela tivesse sorte pela liberdade que esta situação lhe dera, todos enquadravam-se na norma, então os papéis do gênero eram reconhecidos e inquestionáveis.

Um grupo de intelectuais opositores, homens e mulheres, tornaram-se o ambiente de Cristina durante o período da universidade, enquanto ela cursava história e nos anos seguintes, quando trabalhava com educação. Literatura e filosofia tornaram-se o foco principal de suas vidas. Um meio de comunicação tão popular como o rádio era desprezado e inútil para os seus propósitos.

Nós sabíamos que havia radionovelas e nós brincávamos um pouco sobre isso. Nós fazíamos graça, mas eu nunca escutei. Nem o rádio era usado para saber de algo que nós estivéssemos interessados de fora do país [música francesa, literatura ou filosofia]. Estas coisas chegavam através de alguém.

Cristina casou-se em 1955, mesmo ano em que sua mãe morreu. Seu marido mudou-se para sua casa e transformou a sala de estar em um escritório e uma biblioteca.

Ele sentou ali com seus livros, seus objetos e o toca-discos. Era o local onde passávamos mais tempo. Também era o cômodo onde recebíamos nossos amigos, que sempre nos visitavam. E havia um rádio também. Mas nós não o usávamos muito, porque ele preferia escolher suas próprias músicas. Ele escutava as partidas de futebol de vez em quando, mas não acompanhava muito. Quando estávamos



Rádio, recepção e memória: audiência feminina portuguesa e a política das donas de casa entre os anos 1930 e 1950

José Ricardo Pinto Carvalheiro

com nossos amigos havia sempre alguma discussão intensa, então não precisávamos do rádio.

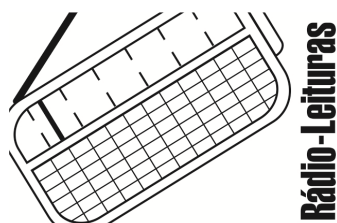
A despeito da biografia emancipada de Cristina, o projeto do casal intelectualizado tornou-se centrado no gênero e no homem e o aparelho de rádio, apesar de ser percebido como pouco importante, estava no centro da divisão homem-mulher.

Nós formamos um casal em que eu acredito que não há distinção de status. Mas ele tem um projeto de ser escritor, o que eu respeito muito, e eu acho que ele não deve se ocupar com outras tarefas. Então eu alerto as crianças para não o perturbarem. Mas ele costuma me chamar todo o tempo para discutir, não há aquela separação da mulher ficando na cozinha. Fora o tempo que ele tem para a criação intelectual, nós estamos no mesmo nível em todos os outros aspectos da vida.

Conclusão

Em relação à ideologia e aos valores do Estado Novo, a radiodifusão somente pôde causar sentimentos ambivalentes para o regime. O rádio era bem-vindo como tecnologia de doméstica, em que teria um papel de conexão, aliado à mulher provendo uma atmosfera coesa e aconchegante. Era bem-vindo se funcionasse para a propaganda política e para incutir normas sociais para uma vasta parte da população antes inalcançável. Mas era visto como perigoso se criasse audiências coletivas através das quais conexões invisíveis pudessem ser forjadas fora do controle político e social. E era temido principalmente como um canal para a modernidade, indesejável transmissor de pensamentos, morais, estilos de vida, modas e estéticas distintos.

As biografias coletadas e seus dados sobre os usos da mídia revelam caminhos para lidar com o rádio que diferem de acordo com a classe social, mas geralmente sugerem uma priorização do uso do homem no espaço doméstico, um espaço já



estruturado por uma perspectiva de gênero. O rádio foi adotado inicialmente ao entrar nas áreas comuns da casa e estas áreas eram dominadas pela presença masculina.

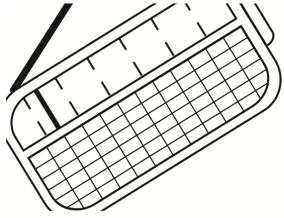
Estas entrevistas biográficas também apontam para a importância do rádio como tecnologia, um objeto de consumo que incorpora aspirações, status e significados sociais e que foi alocado na ecologia dos aparatos domésticos. Estas tecnologias foram trazidas pelo homem, mas com um senso de pertencimento ao coletivo familiar. Como um aparato da casa pareciam ser apropriadas pelas mulheres não por serem uma bela peça de mobiliário em primeiro lugar, mas depois quando se tornaram portáteis e podiam ser melhor articulados com o trabalho doméstico, sendo então um aparelho de rádio secundário para as partes comuns da casa, mas principalmente para a cozinha e a sala de costura.

As entrevistas indicam para notáveis divisões de classes no eixo de consumo espaço público-doméstico, que o rádio usava como uma prática familiar privada nas classes média e alta, mas funcionava em espaços coletivos ou permeáveis no contexto popular.

Enquanto há conexões entre as aspirações de esclarecimento e alguns outros meios de comunicação como o impresso, a transmissão radiofônica no contexto do Estado Novo dos anos 1940 e 50 parece não ser associada pela audiência à emancipação ou libertação da ignorância. A ideia de liberdade aparece depois, conectada com a liberação temporária das preocupações diárias, relacionada com oportunidades de relaxamento, de ser distraído e divertido.

References

ABOIM, S. Vidas conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação. In: ALMEIDA, A. N. (Ed.). **História da Vida Privada**: os nossos dias. Lisbon: Círculo de Leitores, 2011. p. 80-111.



Rádio, recepção e memória: audiência feminina portuguesa e a política das donas de casa entre os anos 1930 e 1950

José Ricardo Pinto Carvalheiro

FERREIRA, V. Modas e modos: a privatização do corpo no espaço público português. In: ALMEIDA, A. N. (Ed.). **História da Vida Privada: os nossos dias**. Lisbon: Círculo de Leitores, 2011. p. 242-276.

GARNHAM, N. **Emancipation, the Media and Modernity**. Oxford: Oxford University Press, 2000. 216 p.

JOHNSON, L. Radio and Everyday Life: The early years of broadcasting in Australia, 1922-1945. **Media, Culture & Society**, London, v. 3, n. 2, p. 167-178, 1981.

LÉONARD, Y. **Salazarisme & Fascisme**. Paris: Éditions Chandeigne, 1996. 223 p.

LUCENA, M. The evolution of Portuguese corporatism. In GRAHAM L. S.; MARKER H. M. (Eds.), **Contemporary Portugal: The Revolution and its Antecedents**. Austin: University of Texas, 1979. p. 47-88.

MOORES, S. The Box on the Dresser: Memories of Early Radio and Everyday Life. **Media, Culture and Society**, London, v. 10, n. 1, p. 23-40, 1988.

PIMENTEL, I. A Censura. In: MADEIRA, J. (Coord.), **Vítimas de Salazar: Estado Novo e violência política**. Lisbon: A Esfera dos Livros, 2007. 452 p.

PIMENTEL, I. **A Cada um o Seu Lugar: Política feminina do Estado Novo**. Lisbon: Temas & Debates, 2011. 455 p.

PODBER, J. **The Electronic Front Porch: An oral history of the arrival of modern media in rural Appalachian and the Melungeon community**. Macon: Mercer University Press, 2007. 166 p.

POLKINGHORNE, D. Narrative Configuration in Qualitative Analysis. In: HATCH, J. A.; WISNIESWSCKI, R. (Eds.). **Life History and Narrative**. London/Washington: The Falmer Press, 2003. p. 5-23.

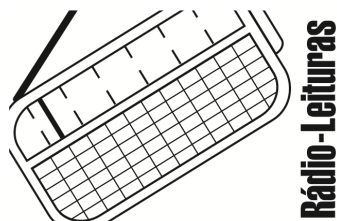
PORTELLI, A. What makes oral history different. In: R. PERKS, R.; THOMSON, A. (Eds.), **The Oral History Reader**. London: Routledge, 2008. p. 32-42.

RIBEIRO, N. **A Emissora Nacional nos Primeiros Anos do Estado Novo**. Oporto: Quimera, 2005. 326 p.

RICHERI, G. **Italian broadcasting and fascim, 1924-1937**. **Media, Culture & Society**, London, v. 2, n. 1, p. 49-56, 1980.

SANTOS, R. **As Vozes da Rádio, 1924-1939**. Lisbon: Caminho, 2005. 366 p.

SILVA, V. **A Rádio nos anos 50**. Observatório, Lisbon, n. 4, p. 33-64, 2001.

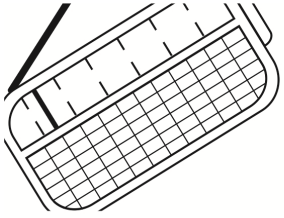


Ano V, Num 01
Edição Janeiro – Junho 2014
ISSN: 2179-6033
<http://radioleituras.wordpress.com>

SUMMERFIELD, P. **Culture and Composure**: Creating Narratives of the Gendered Self in Oral History Interviews. *Cultural and Social History*, v. 1, n. 1, p. 65-93, 2004.

TORGAL, L. R. «A radiofonia ao serviço do Estado»: Os inícios da Emissora Nacional. In _____. **Estados Novos Estado Novo**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. Vol. 2., p. 149-173

WIARDA, H. The corporatist tradition and the corporative system in Portugal: Structured, evolving, transcended, persistent. In: GRAHAM, L. S.; MARKER, H. M. (Eds.). **Contemporary Portugal**: The Revolution and its Antecedents. Austin: University of Texas, 1979. p. 89-121.



Rádio, recepção e memória: audiência feminina portuguesa e a política das donas de casa entre os anos 1930 e 1950

José Ricardo Pinto Carvalheiro

Resumen

La popularización de la radio en Portugal ha coincidido con las primeras décadas de la dictadura de Estado Novo (1930-74). Entre los 30 y los 50, mucha cosa ha cambiado en las formas de experimentar el mundo a partir de un país poco letrado como Portugal, pero también ha sido un tiempo de supervisión ideológica e aislamiento internacional. La audiencia femenina en esa fase de la radio hay que entenderla dentro de un contexto tradicionalista con respecto a los papeles de género. ¿De qué modo se daba entonces la recepción del nuevo medio en casa? ¿El uso de la radio ha enfrentado ó reforzado las normas patriarcales y la concepción tradicional de la mujer? Esta investigación se basa en memorias que tienen algunas mujeres de Lisboa del uso de la radio en la vida cotidiana.

Palabras Clave: Radio; Recepción; Mujeres; Portugal; Dictadura